

O LUGAR DO AMADORISMO EM TEMPOS DE PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL DA CIDADE DE BELO HORIZONTE (DÉCADAS DE 1930 E 1940)

Recebido em: 10/02/2022

Aprovado em: 28/08/2022

Licença: 

*Sarah Teixeira Soutto Mayor*¹

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Campus Governador Valadares
Governador Valadares – MG – Brasil

*Danilo da Silva Ramos*²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Silvio Ricardo da Silva*³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar o lugar ocupado pelo regime amador no futebol da cidade de Belo Horizonte, nas décadas de 1930 e 1940. Para tanto, foi feita uma análise de trinta e seis reportagens de seis jornais que circularam no período proposto. Em suma, pode-se considerar que os anos estudados se mostraram difíceis para os clubes amadores em sua reorganização em meio ao futebol profissionalizado. Houve uma perda de valor social, que se traduziu no pouco apoio institucional. A vertente profissional, tão logo foi estabelecida, tornou-se central e os cerca de 200 clubes amadores da capital, espalhadas pelos bairros da cidade, tiveram pouca ou nenhuma visibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Amadorismo. Década de 30. Década de 40.

THE PLACE OF AMATEURISM IN TIMES OF PROFESSIONALISM IN FOOTBALL IN THE CITY OF BELO HORIZONTE (1930S AND 1940S)

ABSTRACT: The article aims to analyze the place occupied by the amateur regime in soccer in the city of Belo Horizonte, in the 1930s and 1940s. To this end, an analysis was made of thirty-six reports from six newspapers that circulated during the proposed period. In summary, it can be considered that the years studied proved to be difficult for the amateur clubs in their reorganization in the midst of professionalized soccer. There was a loss of social value, which translated into little institutional support. The professional side, as soon as it was established, became central, and the nearly 200

¹ Doutora em Estudos do Lazer (UFMG). Professora adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Campus Governador Valadares)

² Mestre em Estudos do Lazer (UFMG). Servidor Técnico Administrativo do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG).

³ Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais.

amateur clubs in the capital, spread throughout the city's districts, had little or no visibility.

KEYWORDS: Soccer. Amateurism. 30's. 40's.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o lugar ocupado pelo regime amador no futebol da cidade de Belo Horizonte, nas décadas de 1930 e 1940, mais precisamente após o ano de 1933, momento que demarca a adoção às claras do profissionalismo. O texto se constrói, assim, com o intento de explorar o que se sucedeu na capital mineira após a decisão explícita de seguir as ações de Rio de Janeiro e São Paulo em prol do regime profissional, por meio da análise de periódicos.

Foram selecionadas e analisadas trinta e seis reportagens de seis jornais que circularam na cidade no período proposto, discriminados a seguir: A tribuna, Estado de Minas, O Amadorista, Diário Esportivo, Folha Esportiva e O Esporte em Marcha. A consulta se deu na Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa e na Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ambas localizadas na cidade de Belo Horizonte. Também foi consultado o site da Coleção Linhares, que abriga o acervo de jornais e revistas de João Nabuco Linhares, um cidadão que viveu em Belo Horizonte e que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX. Linhares não só coletou os periódicos, como também produziu um catálogo contendo as principais características de cada título que mantinha em sua posse.

Ao se analisar o contexto esportivo da cidade de Belo Horizonte em seus anos iniciais (mais especificamente entre o final do século XIX e a década de 1910), constata-se, por meio da análise da imprensa e de relatos de memorialistas, que a “condição de amador” era uma característica valorada e altamente distintiva (COUTO,

2003; RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; SOUZA NETO, 2010; LAGE, 2013; SOUTTO MAYOR, 2017). Configurava-se como um emblema do esportista legítimo, dotado de predicados materiais e simbólicos (em relação à sua significância na hierarquia social daquele momento, que determinava claramente a existência de uma aristocracia) e que se dedicava à atividade esportiva como elemento de formação do caráter, da moral e do espírito. Além disso, o esporte estava vinculado à diversão, à gratuidade, à disponibilidade de tempo e dinheiro para usufruí-lo como passatempo.

As referências sobre o esporte na capital mineira vinham comumente acompanhadas de termos como: “eugenia”; “higiene”; “disciplina”; “polidez”; “cavalheirismo”; “preparação da raça”; “adestramento da juventude”; “equilíbrio”; “perfeição corporal e espiritual”; “utilitarismo”; “patriotismo”; “civilização”; “razão” (SOUTTO MAYOR, 2017). Essas referências dialogavam com um contexto maior de produção de discursos, que depositava no amadorismo um alto valor moral e distintivo (BOURDIEU, 2003), tanto na Europa (Holt, 2008; Vigarello, 2009; Claussen, 2014; Giullianotti, 2010; Wahl, 1997; Goig, 2006; Wilson, 2016), quanto na América Latina (Frydenberg, 2011; Alabarces, 2007; Archetti, 2003; Reyna, 2014; Campomar, 2014, DaMatta, 1982, 1994; Lopes, 2004; Pereira, 2000; Franco Júnior, 2007; Wisnik, 2008).

Quando se processou a implantação do profissionalismo, em 1933, os sentidos atribuídos ao amadorismo foram se modificando e se distanciando dos antigos preceitos. Na realidade, esse processo de ressignificação já estava em andamento antes do advento do regime profissional, pois caminhou lado a lado com a expansão do jogo, com a sua popularização e mercadorização. O amadorismo marrom (pagamento ilegal aos jogadores) pode ser pensado como uma primeira antítese dos preceitos do amadorismo puro, “branco”; aquele veiculado como modo de vida de uma dada aristocracia (embora tenham sido os próprios elementos desta classe que capitanearam o “marronismo”).

Também não se pode dizer que havia um único amadorismo antes do advento do profissionalismo, especialmente após a década de 1910. Mesmo desconsiderando o amadorismo marrom (que em tese já possuía características de uma ação profissional), as formas de significar a experiência amadora poderiam ser diferentes de acordo com os lugares e com o próprio entendimento das pessoas que praticavam os esportes. Havia o amadorismo do centro, da várzea, do subúrbio, dentre outras denominações presentes nos impressos. Facetas de um amadorismo que se pretendia “aristocrático” e facetas de um amadorismo que se manifestava como “popular” e suas muitas mesclas. Embora a maior parte dos discursos tenha se centrado na vinculação entre amadorismo e prática de *sportmen* da “fina sociedade”, não se pode negligenciar uma apropriação popular que tenha extrapolado as prerrogativas discursivas hegemônicas. Inclusive, pode-se pensar que esta apropriação pode ter construído suas bases apoiando-se nesses mesmos discursos hegemônicos, propiciando um misto de aceitação (pelo entendimento de um discurso geral que poderia se referir a todos) e de resistência (o que poderia gerar novas formas de apropriação e significação da experiência amadora em contextos específicos e com reivindicações particulares).

Para além dos três clubes considerados os principais da cidade (América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro e Palestra Itália/Cruzeiro Esporte Clube), outros menores se formavam nas periferias, nos subúrbios e, até mesmo, na região central (lugar “colonizado” pelos grandes clubes). Alguns deles disputavam o torneio principal da cidade antes da profissionalização (como o Sete de Setembro, o Guarany, o Fluminense e o Calafate). Embora constituídos (em sua maioria) por outros públicos e por um arcabouço estrutural diferente, alguns deles mantinham princípios semelhantes à ideia do amadorismo como configuração legítima de um esporte formador do caráter e da moral. Pode-se pensar que nem a mudança de regimes, em si, foi suficientemente capaz

de alterar os discursos que ainda se faziam fortemente presentes sobre o esporte mineiro, bem como suas formas de recepção. Assim, a adesão à uma nova conformação esportiva não encerrou as bases discursivas que a fundaram, pelo menos não tão rapidamente.

O Profissionalismo Chega à Belo Horizonte: “Em Festa de ‘Jacu’, ‘Nambu’ Não Pia”

Alguns meses após a adoção do profissionalismo no futebol carioca (janeiro de 1933) e paulista (março de 1933), os principais clubes mineiros resolvem aderir ao regime, em maio de 1933. Mesmo com a manutenção de velhos princípios, os alicerces que mantinham o amadorismo se enfraqueceram com a aceitação explícita do profissionalismo e isso impactou decisivamente os clubes de menor expressão e poder aquisitivo. Em um primeiro momento, logo após a adesão dos principais clubes do estado ao novo regime (América, Atlético, Palestra, Villa Nova, Retiro, Tupy e Siderúrgica), outros clubes da cidade tentaram se profissionalizar, mas sem sucesso. Estes eram denominados “clubes menores”, uma designação presente nos próprios periódicos. De maneira semelhante, o esporte amador passou a ser nomeado “esporte menor”.

O jornal *A Tribuna* noticiou no mês de agosto o ingresso de duas equipes varzeanas ao regime profissional: o Estrella do Norte F.C e o Maravilha Club. O texto exaltava a medida: “Como se vê o profissionalismo está invadindo as fileiras dos clubes varzeanos que estão entusiasmados com o novo regimen implantado no futebol nacional”⁴. O prognóstico era o de que, brevemente, haveria “novos adeptos do futebol remunerado e assim o falso amadorismo” desapareceria “de vez entre nós”⁵.

⁴ MAIS um clube de profissionaes. *A Tribuna*. 20 de agost. 1933, n.110, p.5.

⁵ *Idem*.

Entretanto, dias após a publicação dessa reportagem, outro texto relatava a proposta de fundação, pelo clube Sete de Setembro, de uma Liga de Amadores de Futebol⁶. A referida agremiação era participante frequente dos torneios da cidade, mas resolveu não aderir ao primeiro torneio profissional de 1933. O nome da entidade, L.A.F, era o mesmo de uma antiga instituição criada em Belo Horizonte antes do advento do profissionalismo pelos clubes que disputavam o campeonato mineiro à época. A iniciativa do Sete demonstrava indícios de uma situação que seria reveladora dos limites do regime: a participação de um grupo restrito de clubes, os três principais da capital e alguns representantes de cidades do interior que detinham recursos para arcar com a onerosidade do profissionalismo.

As determinações da instituição que regulamentava o futebol profissional, a A.M.E (Associação Mineira de Esportes), para participar do torneio de profissionais promoviam uma distinção clara entre os clubes, sobretudo em relação ao capital econômico. No item “Como outros clubes da capital poderão se filiar à Liga Profissional” constavam as seguintes exigências: apresentar “praças de esportes confortáveis, com capacidade para 1000 espectadores, no mínimo, campo gramado que obedeça às dimensões regulamentares, e que apresentem as suas esquadras em magnífica ‘performance’, de maneira a poder competir com os grandes clubes”; estar em “condições financeiras que os habilitem aos encargos da situação a ser adquirida”⁷.

Outra determinação afetava particularmente os times pequenos do interior:

Ficou estabelecido que, em virtude dos jogos realizados fora da capital não darem renda suficiente, os clubes das cidades vizinhas para participarem do campeonato fornecerão aos clubes visitantes a quantia de 200\$00 para o transporte de sua esquadra profissional, notando-se que esta despesa não constará no balancete do jogo⁸.

⁶ O SETE de Setembro está promovendo... A Tribuna. 25 de agosto, n.114, p.5.

⁷ IMPORTANTES resoluções... Estado de Minas. 31 de maio. 1933, p.9.

⁸ *Idem*.

Em outra edição, o jornal *A Tribuna* noticiava a fundação da Liga de Amadores de Futebol, em reunião realizada na sede do clube Sete de Setembro.

Temos o prazer de comunicar-lhe que em 21 do corrente, se realizou na sede do Sete de Setembro F.C uma reunião para a fundação de uma Liga de amadores de futebol, tendo á mesma comparecido grande número de clubes interessados no assumpto. A presidencia foi assumida pelo Cel. Osorio Camargos, que discorreu sobre a necessidade de uma Liga de amadores para desenvolvimento de nosso esporte e bem assim, amparar os nossos clubes, animando-os e prevenindo-os de uma possível decadência⁹.

Alguns dos clubes mencionados como fundadores da Liga de Amadores de Futebol, além do Sete de Setembro, foram: Fluminense, Mangureira, Santa Cruz e Bairro da Graça. A reportagem anteriormente citada demonstrava a preocupação dos clubes em criar uma entidade que lhes pudesse servir de amparo, já que não encontravam esse suporte na A.M.E. Esta instituição, com a implementação do profissionalismo, manteve um campeonato exclusivo para os amadores, mas suas disposições pareciam não atender às necessidades dos clubes que faziam parte dessa divisão. Um dos dirigentes do Mangureira assim se manifestou:

[...] Tínhamos necessidade de uma entidade para acolher em seu seio os chamados pequenos clubes que não podem fazer parte da divisão de profissionais. [...] A A.M.E mantém o campeonato de amadores [...]. Mas as exigencias na Associação Mineira são muitas e os direitos são poucos. A A.M.E tem uma boa organização, está dirigida por esportistas sinceros, mas não serve para nós [...]¹⁰.

Pode-se inferir que as prioridades da A.M.E estavam centradas na organização do profissionalismo, divisão que concentrava as equipes principais do estado e que gerava maior visibilidade e rentabilidade. No momento da fundação da Liga de Amadores foi frisado que na “nova agremiação” deveria ser praticado “o esporte pelo

⁹ Foi fundada nesta capital a Liga de Amadores de Futebol. *A Tribuna*. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

¹⁰ A LIGA de Amadores de Futebol e a opinião dos directores dos clubes amadoristas. *A Tribuna*. 01 de set.1933, n.120.

esporte”¹¹. Para fazer parte dos clubes associados, todo amador deveria “abrir mão de qualquer remuneração ou outra qualquer retribuição”. A conclusão do texto era enfática: “Não queremos na L.A.F nenhum clube que mantenha jogadores que pratiquem o esporte por interesse”¹². Com estas resoluções, a L.A.F se constituiria em uma instituição totalmente separada da A.M.E: “Os clubes que foram, pela AME, relegados para a divisão de amadores, acharam que a protecção que lhes foi dispensada, representava um mero desamparo [...]. Desfraldaram a bandeira da independência e entregaram-se á própria sorte [...]”¹³.

Segundo *A Tribuna*, a existência de uma nova entidade gestora representava para os clubes pequenos a oportunidade de se restabelecerem no cenário esportivo, depois de decaídas as ilusões sobre o profissionalismo.

Ha alvoroço dos nossos subúrbios. Afinal, parece que os nossos chamados pequenos clubes, resolveram fugir á inercia que os vinha aniquilando. Tomados de susto pelo advento do novo regime futebolístico [...] cruzaram os braços a qualquer actividade esportiva. Para muitos a reforma equivalia a uma verdadeira redempção. [...] Varios clubes de Caixa Prego e adjacências vieram trazer a sua adesão entusiastica e incondicional. Depois, veio a compreensão. Em festa de ‘jacu’, ‘nambu’ não pia. Não pia mesmo. E por isso, os pequenos clubes silenciaram. Mas acabam de despertar de um longo somno. Foi elle, sem duvida, reparador, porque o terreiro está em alvoroço. Rufa a caixa e o samba vae começar, enchendo de estrepito a varzea e os subúrbios¹⁴.

O torneio da L.A.F parece ter coexistido com o torneio da A.M.E, mas foi muito pouco noticiado nos jornais, com exceção do periódico *A Tribuna*. No *Estado de Minas*, por exemplo, quase não é possível encontrar menções à Liga de Amadores do Futebol. Este periódico noticiava o torneio principal da A.M.E, que em 1933 teve a participação de apenas sete clubes (Forluminas, Alves Nogueira, Commercial, Esperança, Palmeiras, Guarany e Santa Cruz), e o torneio realizado à parte pelos quadros amadores dos clubes

¹¹ *Idem.*

¹² *Ibidem.*

¹³ EM poucas linhas. Inactividade. *A Tribuna*. 03 de set. 1933, n.122, p.5.

¹⁴ *Idem.*

profissionais. Os demais clubes amadores, que chegavam à soma aproximada de cem equipes¹⁵, eram mencionados pelo *Estado de Minas* como clubes “suburbanos” ou “avulsos”. As ações destes clubes eram retratadas sucintamente em pequenas colunas e, ao que sugerem as fontes, eles mantinham seus próprios torneios.

Em síntese, pode-se concluir que havia pelo menos quatro divisões no campo esportivo amadorista no ano de 1933: o campeonato da A.M.E (considerado como oficial); o campeonato dos amadores dos clubes profissionais, que normalmente acontecia na preliminar dos jogos principais; o campeonato da L.A.F; e o campeonato dos “suburbanos” e “avulsos” (destes não se sabe ao certo quais fizeram parte da L.A.F, ou até mesmo, se todos os jogos realizados por eles faziam parte da Liga de Amadores). As informações nos periódicos, quando não se destinavam a abordar os torneios oficiais, eram difusas, de modo que se tornou difícil a compreensão exata da estrutura organizacional daquele momento.

Entretanto, pode-se inferir que a L.A.F não se manteve por muito tempo¹⁶, assim como a própria A.M.E. Já em 1934, outra organização esportiva foi anunciada, a A.M.F (Associação Mineira de Futebol). Em 1936, os periódicos mencionavam outra entidade, a L.F.B.H (Liga de Futebol de Belo Horizonte), e nela constava a realização de torneios para amadores. No ano de 1939 foi fundada a F.M.F (Federação Mineira de Futebol) que, no ano de 1942, criou o Departamento de Futebol Amador (D.F.A). A criação deste departamento obedecia às exigências do Decreto-Lei 3.199/41 do Conselho Nacional de Desportos.

¹⁵ Foi possível estabelecer este quantitativo aproximado por meio da leitura dos jornais do ano de 1933. Nesse caso, é preciso considerar que outros clubes podem ter existido sem terem sido noticiados nas páginas dos impressos.

¹⁶ Esta inferência se deve à falta de referências a esta entidade e à própria atitude do clube fundador da L.A.F, o Sete de Setembro, em aderir ao profissionalismo em 1934.

O jornal *Estado de Minas* anunciou a criação do D.F.A como uma “grande obra para o esporte mineiro”¹⁷. A ação foi relatada como uma forma de “amparar e incentivar o amadorismo”, num “espírito louvável”, capaz de reunir “sob a mesma bandeira as entidades dirigentes do futebol, em cada Estado”. Afirmava-se, também, que a entidade amadora teria independência administrativa e financeira e que estaria “confortavelmente instalada à rua São Paulo, 686”, região central da cidade¹⁸.

O artigo em questão sinalizava o futebol amador como “sendo uma das forças mais expressivas do esporte”¹⁹. Contudo, ao mesmo tempo em que a reportagem enaltecia o amadorismo como propiciador de um panorama sadio e louvava o princípio da prática do “esporte pelo esporte”, mencionava-o como um instrumento a serviço do profissionalismo: “Se a força máxima do futebol mineiro se encontra no profissionalismo, observado através da sua eficiência, a verdade incontestável, entretanto, é que o futebol amador é o seu manancial, a fonte inesgotável de recursos em material humano”²⁰.

Observa-se um paradoxo que permaneceria por toda a década de 1940. O discurso do amadorismo seria continuamente mantido, ora por meio de intentos que rogavam um retorno aos antigos princípios (tradição); ora como forma de fundamentar a utilização de jogadores amadores nos clubes profissionais (mercado), já que o amadorismo continuava a ser veiculado como possibilidade privilegiada de formação do jogador. Nesse caso, os predicados do esporte amador (mesmo que já modificados sobremaneira em sua essência pelas novas finalidades do futebol naquele período e pela própria estrutura do amadorismo, geralmente precária) seriam evocados como

¹⁷ O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... Estado de Minas, 01 de jan.1943, p.13.

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ *Ibidem.*

²⁰ O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... Estado de Minas, 01 de jan.1943, p.13.

fundamentais para a formação do atleta que concorreria, posteriormente, ao profissionalismo.

As Promessas e a Realidade do “Esporte Menor”

Especialmente em meados da década de 1940, os anúncios sobre a nova organização do futebol amador se confrontariam com reclamações frequentes que pouco condiziam com as promessas divulgadas. As páginas dos jornais *Folha Esportiva*, *Diário Esportivo* e *O Amadorista* continham reiteradas reivindicações e insistentes protestos sobre as condições do futebol amador: falta de campos para os jogos; pouca organização do D.F.A; problemas financeiros e estruturais; e descaso da F.M.F.

A criação do jornal *O Amadorista* foi noticiada, inclusive, como um veículo para divulgar o futebol amador, já que na opinião do periódico, o denominado “esporte menor” não estava sendo devidamente respeitado pelas instituições gestoras e difundido pela grande imprensa. A própria denominação mencionada (esporte menor), amplamente utilizada nos jornais, pode ser pensada como um demonstrativo do lugar ocupado pelo futebol amador naquele momento.

Em sua edição inaugural, apresentava a seguinte descrição: “Entregamos hoje ao público esportivo amador da cidade, O AMADORISTA, órgão exclusivamente dedicado ao esporte menor”²¹. Em sequência às explicações sobre o surgimento do periódico, vislumbrava-se o “alvorecer de uma nova fase para o amadorismo”. A criação do jornal, considerada como primeira iniciativa do gênero, viria para “satisfazer os anseios de todos e especialmente de um grupo de esportistas de ideias avançadas que há muito aguardava essa aurora de animação para o esporte menor”. Estes seriam os “verdadeiros pioneiros do nosso esporte”, “jovens batalhadores e incansáveis”²².

²¹ NOSSO aparecimento. *O Amadorista*, 26 de agost. 1946, n.1, p1.

²² *Idem*.

Desejamos enaltecer essa grandiosa Organização, fazendo votos para que sejam colhidos os mais brilhantes frutos, o que deverá ser um prêmio para os que trabalham e lutam pelo engrandecimento sempre crescente de nosso amadorismo, celula vital para o fortalecimento de nossa Patria²³.

O segundo número do referido jornal apresentava o depoimento de um redator esportivo chamado Mario Batista, apresentado como “o popular Matista”. Suas palavras enalteciam a criação do periódico e a possibilidade de valorização do amadorismo. Matista apoiava sua argumentação em suas próprias experiências com o esporte na capital mineira.

Acostumado com a desorganização do nosso futebol amadorista, como decano dos Cronistas esportivos amadoristas da Capital, foi para mim uma grata surpresa, quando hontem, no “Cafê Palhares”, o quartel general dos esportes, vi e li o jornal O Amadorista. Lagrimas de contentamento vieram às minhas velhas faces, pois ha longos anos venho me batendo para a ampla divulgação dos feitos dos nossos pequenos clubes [...]²⁴.

Nesta mesma edição, reclamações sobre os rumos do futebol amador eram reproduzidas. O artigo “Misérias do amadorismo” lamentava as transformações de sentido do esporte amador, denunciando práticas pouco condizentes com o que se denominava “são amadorismo”²⁵.

O amadorismo é uma escola de preparação da moral, do caráter e dos principios rudimentares de técnica dos jogadores, não é, pois, admissível nesta escola, dirigentes incapazes. Enquanto houver ‘luvas’, enquanto correr a ‘gaita’ no seio amadorista haverá desprestígio e decadência do esporte menor, que terão desagradáveis influências no profissionalismo²⁶!

O texto afirma a continuidade da existência do amadorismo marrom, mesmo depois de implantado o profissionalismo, condenando veementemente aqueles amadores que recebiam dinheiro para jogar. Pode-se inferir que os clubes menores que não aderiram ao regime profissional continuaram se utilizando da prática para arregimentar

²³ *Ibidem*.

²⁴ COMO foi recebido O Amadorista. O Amadorista. 02 de set. 1946, n.2, p.3.

²⁵ AQUINO, Dilson de Andrade. Misérias do amadorismo. O Amadorista, 02 de set.1946, n.2, p.1.

²⁶ *Idem*.

melhores jogadores para os seus times e obter melhores colocações nos torneios de amadores. A lógica posta parecia ser a mesma do futebol profissional, embora ainda se apregoassem outras características para o regime amador. Outro dado interessante é a constatação de que “decadência do esporte menor” traria “desagradáveis influências no profissionalismo”.

Também o periódico *Diário Esportivo* tinha como prática comum o anúncio das atividades dos clubes amadores. Colunas específicas foram criadas com a finalidade de contar as histórias de fundação de várias agremiações espalhadas pela cidade, além da publicação periódica das tabelas dos torneios, embora seu foco fossem os clubes profissionais.

Em vários momentos, as ações de incentivo ao amadorismo vinham acompanhadas de críticas relativas aos entraves enfrentados pelos clubes desta divisão: “O esporte menor deve ser olhado com o maximo carinho. É por isso que o DIARIO ESPORTIVO dedica estas colunas aos pequenos clubes, porque reconhece as dificuldades com que os mesmos lutam para se manterem”²⁷. O texto em questão ainda frisava: “Há, aqui, ou melhor, em todos os Estados, clubes que têm o nome de amadoristas, mas que têm o conforto de um clube profissional... Não é para estes esta seção, mas para os puros, autenticos, heróis e abnegados amadoristas”²⁸.

Nesta reportagem torna-se bastante visível a mudança de características do futebol amador – dos anos iniciais do século XX à década de 1940. A menção ao amadorismo deixava de ser vinculada a clubes das classes mais abastadas, aos aristocratas que mantinham a prática esportiva como um estilo de vida, para se referir a clubes oriundos das camadas mais populares. Os heróis, que mediante as adversidades mantinham-se resistentes e abnegados na missão de manutenção do esporte amador,

²⁷ UNIÃO da Vila de Santo André. *Diário Esportivo*, 06 de set. 1945, n.7, p.3.

²⁸ *Idem*.

eram agora os “puros” e autênticos” esportistas. Nesta nova lógica, também os sentidos de autenticidade e pureza tinham seus significados alterados.

Em outra reportagem, estabelecia-se uma comparação entre o tratamento dedicado aos esportistas amadores e profissionais do América Futebol Clube. Enquanto para os profissionais todo suporte estrutural e financeiro era garantido, para os amadores “faltava até material”²⁹. O texto relatava uma dicotomia incômoda, que não era exclusividade do clube americano, mas que envolvia os próprios desdobramentos do regime profissional.

Quem convive no meio americano não desconhece o tratamento super-ótimo que merecem os jogadores profissionais do clube [...]. Interessante no América é o contraste que se observa entre os profissionais e amadores. Enquanto que estes, radicados ao clube e realmente a ele dedicados, dão-lhe o melhor de seus esforços, indiferentes a toda as deficiências materiais, os primeiros tem de tudo do bom e do melhor, inclusive padrinhos e vitaminas, e, no entanto, pagam-lhe, em geral, com ingratidão³⁰.

Textos que se dedicavam a retratar a situação de descaso e indiferença vivenciada pelos clubes amadores eram publicados em quase todas as edições do *Diário Esportivo*. O periódico não se eximia em relatar o esquecimento do esporte menor por “muita gente importante do esporte da capital”³¹. A relação que o impresso buscava estabelecer com o amadorismo pode ser expressa por este trecho: “O DIÁRIO ESPORTIVO, com o intuito de colaborar com os clubes do esporte menor, criou uma página dedicada exclusivamente ao amadorismo. Os clubes que tiverem fotografias, poderão envia-las para a nossa redação [...], que publicaremos com prazer”³².

Em outra edição, o periódico descrevia Belo Horizonte como “uma das capitais que possuem o maior número de clubes do esporte menor”³³. Na sequência, o texto

²⁹ ESTARÁ perdido o campeonato para o América? *Diário Esportivo*. 27 de set. 1945, n.10, p.3.

³⁰ *Idem*.

³¹ COM cinco meses apenas, já tem tradições e glórias. *Diário Esportivo*. 04 de out.1945, n.11, p.11.

³² *Idem*.

³³ O SÃO Cristóvão é uma legítima expressão do esporte menor. *Diário Esportivo*. 08 de nov. 1945, n.16, p.4.

enfaticava: “Não se encontra um bairro que não tenha uma dezena de quadros de futebol divertindo-se aos domingos e enchendo de entusiasmo milhares de corações”³⁴. O contraste entre popularidade e apoio institucional que o jornal parecia enaltecer se traduzia, novamente, na constatação de que o amadorismo mineiro era desamparado pelas próprias autoridades.

O D.F.A era um alvo constante de críticas. Uma delas se fundamentava nas cobranças de taxas que, ao que sugeria o *Diário Esportivo*, estavam fora das possibilidades financeiras dos “verdadeiros” clubes amadoristas.

[...] É um absurdo: um clube para se filiar á entidade da rua São Paulo, tem que pagar a taxa de cinquenta cruzeiros e uma mensalidade de vinte cruzeiros. Diante destas taxas, pode-se tirar uma conclusão: a de que o D.F.A. é uma entidade apenas para clubes granfinos e que tenham fonte de rendimento, porque um clube amador na expressão da palavra, não pode dispor de tanto dinheiro³⁵.

Ao que sugere a reportagem, na vastidão de clubes amadores que existia na cidade, havia diferenças importantes em relação ao poderio econômico e à representação social de cada um deles, o que possivelmente dialogava com a própria região da cidade onde as entidades se alocavam. O bairro dos Funcionários, por exemplo, encontrava-se (e ainda se encontra) em uma região importante da cidade, bem próxima ao centro (dentro dos limites da zona urbana). É um dos bairros mais antigos da capital e sempre se constituiu como uma localidade valorizada. O bairro foi mencionado pelo *Diário Esportivo* como um dos pioneiros de Belo Horizonte em relação ao futebol amador: “Existem ali diversas agremiações esportivas de várias categorias que têm como principal objetivo educar a mocidade e traze-la dentro de um regime disciplinar”³⁶.

³⁴ *Idem*.

³⁵ DOS SANTOS, Roberto, P. D.F.A, entidade para milionários. *Diário Esportivo*, 15 de nov. 1945, n.17, p.10.

³⁶ MONTREAL F.C. *Diário Esportivo*. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

Pelo menos três clubes do bairro tiveram suas histórias narradas pelo *Diário Esportivo* – o E.C Minas Gerais, o Montreal F.C e o Paraíba F.C. O primeiro foi destacado por “seguir os velhos ideais do são amadorismo” e por não ceder “lugar para jogadores mascarados de ‘cracks’ e que jogam por interesses monetários”. Seu lema era: “jogar só por amor ao clube”³⁷. O segundo foi enaltecido por ser uma equipe formada “na sua totalidade por jovens ginásianos, que praticam o futebol por divertimento e não por outros interesses”. O amor à camisa também foi mencionado, junto às características da instituição e de seus integrantes: “a luxuosa sede” abriga os “elementos da mais fina sociedade do bairro”³⁸. O terceiro clube mencionado, o Paraíba, também se orgulhava das características de seus associados: “Os nossos jogadores são dedicados e jogam com amor. Eles não dependem de nada do clube. Pelo contrário, auxiliam o mesmo material e monetariamente. Temos por lema ‘saber vencer e perder’. Todos os jogadores são estudantes, filhos das melhores famílias do bairro”³⁹.

Clubes de outras regiões nobres da cidade, como o Arsenal F.C, do bairro Santo Agostinho⁴⁰, figuravam nas reportagens com uma divulgação de princípios bem semelhantes às equipes supracitadas: “intuito de reunir a mocidade estudiosa e esportiva do bairro de Santo Agostinho” e “cuidar da educação física de nossos atletas”⁴¹. A ênfase que esses clubes sinalizavam no fato de só aceitarem jogadores que atuavam por amor à camisa e que desfrutavam da prática do esporte a partir de suas finalidades educativas e por divertimento pode ser indicativo da busca de uma forma de distinção em relação a outros clubes amadores que pagavam aos seus atletas ou os compensavam de outras formas. Em um cenário em que se proliferavam os clubes

³⁷ E.C MINAS GERAIS. *Diário Esportivo*. 29 de nov. 1945, n.19, p.10.

³⁸ MONTREAL F.C. *Diário Esportivo*. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

³⁹ O PARAÍBA é um grande pequeno clube. *Diário Esportivo*. 20 de dez. 1945, n.22, p.10.

⁴⁰ Vale ressaltar que o bairro Santo Agostinho, no início de seu surgimento era considerado um bairro pobre. Somente depois da década de 1920 com a retirada de famílias que ocupavam o local e com a construção de novos edifícios é que o bairro se tornou valorizado no mercado imobiliário belo-horizontino.

⁴¹ BELO HORIZONTE, cidade dos clubes juvenis. *Diário Esportivo*. 18 de abr. 1946, n.38, p.11.

amadores pela região urbana e suburbana da cidade, manter os antigos princípios amadoristas poderia proporcionar uma nova forma de distanciamento distintivo (BOURDIEU, 2007).

Possivelmente, mais clubes amadores existentes na década de 1940 possuíam características semelhantes, mas ao que sugerem as fontes encontradas, a conformação da maioria das agremiações era bem diferente. Oriundas de bairros mais simples ou periféricos e nem sempre contando com boas sedes, campos e “bons apadrinhamentos”, talvez fossem estes os que motivavam a maior parte das reportagens acerca dos problemas estruturais do amadorismo e dos descasos das instituições gestoras. No trecho destacado anteriormente (que enfatizava as taxas cobradas pelo D.F.A), percebe-se que a noção de “verdadeiro” amadorismo estava atrelada à simplicidade, aos clubes que não detinham grandes fontes de renda para arcar com as despesas do Departamento.

De fato, após o advento do profissionalismo, pode-se constatar um aumento exponencial de clubes amadores oriundos das mais diversas localidades da cidade (QUADRO 1) e, com isso, uma mescla de variantes interpretações e de diversos sentidos conferidos à própria ideia de amadorismo. Dentre os torneios já mencionados, havia campeonatos específicos como o “certame comércio e indústria”, por exemplo. Os nomes de muitas agremiações remetiam a empresas, estabelecimentos comerciais, instituições estudantis e aos próprios bairros onde estavam localizadas. Por meio dessa variedade é possível inferir a existência de uma composição bastante heterogênea do público que formava o cenário amadorista naquele momento. Os clubes amadores localizados durante a década de 1940 chegavam a quase duzentos⁴². Este quantitativo se difere significativamente dos clubes profissionais que atuavam na mesma década. De

⁴² A existência desses clubes foi localizada por meio da análise de todos os periódicos consultados que abordavam a década de 1940. Possivelmente, alguns clubes ficaram de fora da listagem por não serem mencionados nos jornais ou por terem passados despercebidos na leitura das fontes, haja vista que as informações sobre os clubes amadores eram de menor importância para a maior parte dos periódicos, de forma que localizar dados sobre os mesmos não se constituiu tarefa fácil.

forma geral, compreendendo que um ou outro clube profissional não participou de todas as edições do campeonato mineiro nos anos 1940, podem ser elencadas as seguintes agremiações: América, Palestra Itália (Cruzeiro), Atlético, Villa Nova, Sete de Setembro, Siderúrgica⁴³, Metaluzina⁴⁴ e Uberaba⁴⁵.

Quadro 1: Clubes amadores na década de 1940⁴⁶

1	1º de Maio	67	Estudantes	133	Paraúna
2	Acadêmico	68	Expedicionário	134	Parque Riachuelo
3	AEC E.C.	69	Experia	135	Paulistano
4	Agrônômico	70	Faculdade de Comércio	136	Paysandu
5	Aimoré	71	Flamengo	137	Pequi Avante
6	Aliança	72	Ferroviário	138	Pernambuco
7	Almirante Barroso	73	Flamenguinho	139	Pitangui S. C.
8	Alvorada	74	Flávio dos Santos	140	Pompeia Atlético Clube
9	Amapá	75	Flor de Lis	141	Portuguesa
10	Andaraí	76	Flôr de Minas	142	Prado Mineiro
11	Andes F.C.	77	Fluminense	143	Primavera
12	Anibal Benévolo	78	Fortaleza	144	Príncipe
13	Araguari	79	G. Ideal	145	Publicidade Editora Brasil
14	Artele	80	Galícia	146	Rádio Inconfidência
15	Astoria	81	Ginásio e Esgrima	147	Recreio
16	Atletic	82	Grajaú	148	Regionais
17	Atlético F.C.	83	Graminas	149	Regional
18	Atlético Mineiro de Esportes	84	Gran-Bell	150	Renascença
19	Banco do Brasil	85	G. E. Secretaria da Agricultura	151	Renascença Industrial
20	Bangu	86	Grêmio Florestino	152	Republicano
21	Bar Vitória	87	Grêmio M.	153	Reunidas
22	Barreiro F. C.	88	Gruta Ideal F.C.	154	Rex Futebol Clube
23	Bela Vista	89	Guarani	155	Rio Branco
24	Belo Horizonte	90	Gutierrez	156	Rio Casca F. C.
25	Bonsucesso F.C.	91	Horizonte Têxtil	157	S.C. Carlos Prates
26	Botafogo	92	Horizontino	158	S.C. Horizonte
27	Brasil	93	Inconfidência	159	Samp
28	Brasilina	94	Independente	160	Sampaio
29	Britânia	95	Industrial E.C.	161	Santa Cruz

⁴³ Clube da cidade de Sabará, localizada a cerca de 15 km da capital.

⁴⁴ Clube da cidade de Barão de Cocais, localizada a cerca de 90 km da capital.

⁴⁵ Clube da cidade de mesmo nome, localizada a cerca de 480 km da capital.

⁴⁶ Os três principais clubes da cidade, América, Atlético e Palestra também mantiveram quadros juvenis de amadores, mas não foram elencados juntos aos demais devido à ação primordial desses clubes na atividade profissional.

30	C.A. Bandeirante	96	Industrial Itacarambi	162	Santa Helena
31	Calçados Nilo F.C.	97	Ipiranga	163	Santa Rita
32	Canto de Minas E.C.	98	Irmãos Reunidos	164	Santa Tereza
33	Cascatinha	99	Itajubá	165	Santanense
34	Celeste Império	100	Itaú	166	Santos Dumont
35	Central	101	Itaunense	167	Santos F.C.
36	Central do Brasil	102	João Pinheiro	168	São Cristóvão A.C.
37	Cerâmica	103	Juventus	169	São Francisco
38	Chapei	104	Lafaiete	170	São Jorge
39	Clube Atlético Suburbano	105	Lagoinha	171	São Luís
40	Colonial	106	Lalka	172	São Paulo
41	Columbia	107	Ludol	173	Social
42	Comiteco F.C.	108	Lusitana	174	Terrestre E. C.
43	Concordiano	109	Madureira	175	Texas
44	Continental	110	Maravilha	176	Têxtil E.C.
45	Coríntians	111	Marcondes dos Anjos	177	Tiradentes
46	Coríntians Mineiro	112	Mariana	178	Tremedal
47	Cruz Jardim	113	Massas Aymoré	179	Tropical
48	Cruzeiro do Sul	114	Matadouro	180	Tupi Guarani
49	Cruzmallino A.C.	115	Mercesano	181	Tupinambás
50	Curvelano E. C.	116	Metalgrafia	182	U.E.C.
51	Diamante	117	Minas Moderna	183	União
52	Dínamo Esportivo	118	Mineiro	184	União Fabril
53	Drogaflora	119	Modelo F.C.	185	União Serrano S.C.
54	Drogaria Brasil	120	Montanhês	186	Unidos da Lagoinha
55	Duque de Caxias	121	Monte Castelo F.C.	187	Universal
56	E C Belo Horizonte	122	Montreal F.C.	188	Vasco
57	E. Minas	123	Mundo Colegial	189	Vasco da Gama
58	E.C. Anglo Brasileiro	124	Nacional	190	Vera Cruz F. C.
59	E.C. Marquês de Olinda	125	Necaxa	191	Vila Concórdia
60	E.C. Minas Gerais	126	Neuza E. C.	192	Vila Esplanada
61	E.C. Paraguai	127	Oeste	193	Vila Independência
62	Eldorado F. C.	128	Operário	194	Vitória do Ipiranga
63	Escola de Medicina	129	Oriente	195	Vitória E.C.
64	Esporte Clube Jabaquara	130	Palmeiras	196	Xavier Lamounier
65	Estrela de Minas	131	Paniflor	197	XI de Bela Vista F.C
66	Estrela de Ouro	132	Papelaria Brasil		

Fonte: próprios autores.

Entretanto, o crescimento dos clubes e a criação de uma entidade gestora específica não significou, pelo que demonstram as reportagens, maior valorização do “esporte menor”, pelo menos não da mesma forma em relação a todas as agremiações. O aumento quantitativo não representou, necessariamente, maior visibilidade e representatividade aos clubes amadores. O futebol amador, detentor, nesse momento, de menor capital econômico e social (BOURDIEU, 2007), especialmente por não ter se constituído em um produto midiático interessante, ficava relegado a um segundo plano nas disputas de poder inerentes ao campo esportivo, em uma conjuntura que favorecia explicitamente o futebol profissional e os seus lucros. Os dirigentes dos clubes profissionais continuavam pertencendo às classes mais abastadas da cidade, o que contrastava com a conformação da maior parte das equipes amadoristas.

O ex-governador Benedito Valadares foi mencionado como um dos culpados pela situação do futebol amador na cidade. Valadares foi amplamente citado nos periódicos das décadas de 1930 e 1940 como um grande incentivador dos esportes. A política de construção de praças esportivas foi a medida mais difundida e enaltecida por revistas e jornais belo-horizontinos, como fator de grande desenvolvimento e modernização do estado. Contudo, suas ações foram descritas como circunscritas a apenas algumas modalidades, como relata a seguinte reportagem intitulada “E o amadorismo foi sempre esquecido...”

O ex governador Benedito Valadares Ribeiro nunca deu um passo em favor do futebol amadorista. S. Excia auxiliou todos os demais esportes como a natação, os clubes, futebol profissional, mas o futebol humilde dos pequenos clubes, que deveria ser amparado com o máximo carinho, foi sempre esquecido. O ex-governador fez construir pelo interior de Minas afora as praças de esportes Minas Gerais e não se lembrou de construir um estádio para os clubes amadoristas, apesar dos insistentes pedidos⁴⁷.

Na década de 1940, todos os três principais clubes profissionais da capital mineira possuíam seus próprios estádios, todos construídos com o auxílio de verbas

⁴⁷ DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... Diário Esportivo, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

públicas (SOUZA NETO, 2017). Ao que consta a reportagem supracitada, nenhum estádio havia sido construído para os clubes amadores, que mantinham seus torneios em pequenos campos espalhados pela cidade.

A questão ainda seria agravada com a destruição de campos que serviam aos clubes amadores. Assinalava-se que Valadares “deveria ter cedido terrenos para os clubes construírem, provisoriamente, seus campos”⁴⁸. Mas, ao que constava na reportagem, sucedeu-se o contrário: “a Prefeitura, com a ganancia do dinheiro, mandou destruir vários campos já existentes para vender em hasta publica e os clubes ficaram chupando o dedo. Desta maneira não é possível o progresso do nosso amadorismo”⁴⁹. O texto ainda ressaltava a existência de cerca de 250⁵⁰ clubes amadoristas em Belo Horizonte no ano de 1945, numeração bem superior aos 76 clubes citados em 1942. Para esta realidade, os campos seriam “diminutos” e, assim, os clubes continuariam à espera da “boa vontade dos futuros governantes”⁵¹.

Partindo para outra análise, pode-se constatar que, embora os jornais (com exceção do Amadorista) abordassem o futebol amador e publicassem reportagens reivindicando soluções para melhorias estruturais e maior atenção da F.M.F, o foco era centralizado no futebol profissional. Os relatos sobre o futebol amador, por muitas vezes, serviam mais a um aporte discursivo do que a uma valorização do esporte em si em equivalência ao modelo profissional. Além das discrepâncias estruturais entre um regime e outro, havia também uma discrepância valorativa que se manifestava nas formas de difusão das informações. Tal fato estava presente mesmo nos jornais que se

⁴⁸ *Idem.*

⁴⁹ *Ibidem.*

⁵⁰ Na pesquisa realizada sobre a quantidade de clubes amadores que apareceram nos periódicos na década de 1940 (quadro 1) o número de agremiações é menor, o que pode indicar que muitos dos clubes não participavam dos torneios mencionados nos jornais ou que vários deles não tenham sido notados durante a pesquisa, como explicado anteriormente.

⁵¹ DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... Diário Esportivo, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

dispuseram, declaradamente, a valorizar o amadorismo, como o *Folha Esportiva* e *O Diário Esportivo*.

Diversas reportagens seriam integrantes de um contexto maior de produção de interesses, embasado no entendimento de que o profissionalismo havia se constituído na principal vertente do futebol nacional. Embora se tentasse validar o amadorismo por seus predicados exclusivos (que fugiam às deturpações do regime profissional em relação aos significados mais elevados do esporte), sua função primordial, na prática, estava atrelada à formação de atletas para os clubes profissionais. O amadorismo era veiculado explicitamente como um “celeiro de cracks”.

Vários seriam os exemplos representativos desse contexto. O título de uma reportagem publicada no jornal *Folha Esportiva* é bastante significativo: “Onde o ouro se esconde”⁵². No caso específico deste texto, foi sugerido aos clubes profissionais da capital a busca na “hinterlandia”⁵³ das fontes de produção”.

Onde vamos matar a fome e tirar a barriga da miséria. Porque é a estrada do alevantamento e da redenção de nosso esporte. Os craques do interior, que constituem o nosso celeiro e a nossa reserva, precisam tomar ares puros na capital. Apurar com esmero a sua preparação. Abrir caminho para dias melhores. Disputar posições, palmo a palmo, com os jogadores da cidade. Isso terá dupla vantagem: valorizará o elemento humano de que dispomos, em abundancia, e estabelecerá uma seria concorrência aos craques do asfalto. Procurem o interior. Descubram os valores onde eles se escondem. Cavem os futuros craques em sua própria concentração. Canalize-os para Belo Horizonte⁵⁴.

Na coluna varzeana do *Diário Esportivo*, o destaque aos clubes amadores da cidade vinha comumente acompanhado de elogios em relação à capacidade de formação de atletas para os quadros profissionais. Esta menção parecia constituir um atestado de sucesso para o clube amador. Ao narrar a história do Terrestre, o periódico se manifestou da seguinte forma:

A classe amadorista, ao nosso ver, deveria ser olhada com mais carinho pelas autoridades porque um jogador, para se tornar um crack, precisa de passar

⁵² PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. *Folha esportiva*, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

⁵³ Termo bastante utilizado à época para se referir às cidades do interior do estado.

⁵⁴ PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. *Folha esportiva*, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

antes por um clube amador. É que nunca o crack nasce feito. E é por esse motivo, e outros, que o esporte menor deve ser apoiado pelos homens de Estado. O Terrestre é, sem a menor dúvida, um verdadeiro núcleo de formação de cracks. Talvez os nossos leitores não saibam, mas Gerson, zagueiro do Botafogo, Oldack, zagueiro do Siderúrgica, Zezé, half direito do Atlético, Gregorio, a muralha do ‘Deca’, Paiva e Paulinho [...]. Hoje estão brilhando nos principais centros esportivos do Brasil⁵⁵.

Mais clubes amadores receberiam destaque pelo mesmo motivo: a formação do atleta no “esporte menor” para atuar no “esporte maior”. Outro artigo destacava: “A nossa várzea tem fornecido inúmeros cracks para o futebol brasileiro. Podemos citar aqui Zezé Procópio, Bigode, Selado, Armond, Zezé e muitos outros”⁵⁶. Ao mencionar exclusivamente a história do grêmio amadorista Carlos Prates, o texto também evidenciava o clube como um “centro de preparação de cracks”, exemplificando: “Nem todos sabem que Perácio, o excelente meia esquerda do Flamengo do Rio de Janeiro [...] jogou muito tempo no E.C Carlos Prates, com o apelido de ‘Boca de fogo’. Tilim, centro medio do Sete de Setembro, foi outro que passou por lá”⁵⁷.

“Uma vida de 18 anos dedicada ao são amadorismo” era o título de uma reportagem que abordava a história do Rio Branco F.C. Novamente, o destaque se direcionava à capacidade do clube em formar atletas para o profissionalismo: “Nem todos sabem que o Rio Branco foi um de nossos clubes amadoristas que deram elementos brilhantes de suas fileiras para integrar equipes profissionais [...]”⁵⁸. De forma semelhante, o Cascatinha, outro grêmio amador, era também enaltecido: “O Cascatinha E.C é outro clube de nossa varzea que forneceu craques para os grandes clubes”⁵⁹.

“Prosseguindo na série de reportagens com os mais destacados gremios de nosso esporte menor”, outra edição do *Diário Esportivo* relatava a história do Pitangui F.C., “agremiação tradicional que vem fazendo tudo para elevar bem alto o nome esportivo

⁵⁵ TERRESTRE, glória do amadorismo belorizontino ... *Diário Esportivo*, 26 de julho, 1945, n.1, p.10.

⁵⁶ INDUNBANCO F.C *Diário Esportivo*, 09 de agosto. 1945, n.3, p.11.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ UMA vida de 18 anos... *Diário Esportivo*. 13 de set. 1945, n.8, p.4.

⁵⁹ A HISTÓRIA do Cascatinha é cheia de glórias. *Diário Esportivo*, 20 de set. 1945, n.9, p.9.

amadorista da Capital do Estado”⁶⁰. Dentre inúmeras informações sobre o clube, “a nota sensacional” era a de que Gerson, zagueiro do Botafogo, e Tião, meia do Flamengo, defenderam as côres do Pitanguí [...]”⁶¹.

O Juventus F.C também entraria no rol dos clubes fornecedores: “Não existe um clube tradicional de nossa várzea que não tenha feito um jogador para os grandes clubes”⁶². Como atletas daquela esquadra foram citados: “Dedão, Duda, Gegê e Pantuzo, estes últimos ex-defensores do Palestra Itália, hoje Cruzeiro”⁶³.

O *Diário Esportivo*, em outra edição, chegou a explicitar os objetivos da atenção que manifestava aos clubes amadores:

Do amadorismo é que surgem os valores que militam nos grandes clubes e por esse motivo é que o DIÁRIO ESPORTIVO vem ampliando consideravelmente a sua seção do esporte menor, com a finalidade de expandir este centro de preparação de craques da pelota⁶⁴.

Outro jornal, desta vez *O Esporte em Marcha*, manifestou o que entendia como fator representativo para o clube Necaxa ser considerado “uma das parcelas mais preciosas e vivas do nosso amadorismo”⁶⁵.

‘Cracks’ e mais ‘cracks’ tem saído das fileiras necaxianas para serem engajados pelos clubes profissionais. Selado, Aldo Jaime (ora no Flamengo carioca), Armond, Edgard Gontijo, Carlinhos, Bigode (do Fluminense carioca), Wilson, Dirceu, Zú, entre outros, sendo que muitos deles, ainda em atividade, aprimoraram no ‘Necaxa’ as suas qualidades técnicas⁶⁶.

A utilização de jogadores amadores também passou a ser veiculada como solução menos onerosa para os principais clubes do estado e como forma alternativa à contratação de jogadores “mascarados” do profissionalismo, que na opinião de dirigentes e da imprensa, não se dedicavam o suficiente aos clubes apesar dos benefícios que recebiam. Os casos de América e Atlético foram os mais citados pelos periódicos.

⁶⁰ DO PITANGUI saíram Tião e Gerson. *Diário Esportivo*, 01 de nov. 1945, n.15 p.11.

⁶¹ *Idem*.

⁶² O JUVENTUS já faz 14 anos. *Diário Esportivo*. 13 de dez. 1945, n.21, p.11.

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ DOS SANTOS, Roberto P. dos. Atividades dos clubes e cracks da várzea. *Diário Esportivo*. 16 de mai. 1946, n.41, p.10.

⁶⁵ NECAXA, orgulho do amadorismo mineiro. *O Esporte em marcha*, p.8, n.1.

⁶⁶ *Idem*.

Sobre o América, um dos artigos publicados defendia a contratação de jogadores da várzea sob o pretexto de que o profissionalismo havia viciado os seus jogadores profissionais: “encheu-os de pretensões e uma balofa orientação de vida”⁶⁷.

É preciso que os despreziosos sertanejos lhes tomem lugares e lhes imponha seria concorrência. Para que eles aprendam, nessa contínua disputa, a prezar melhor a sua tarefa. A enfrentar com mais ombridade e dedicação a profissão que abraçaram⁶⁸.

Em outra ocasião, uma suposta carta⁶⁹ dirigida ao novo presidente do América, aconselhava-o a não reintegrar na equipe “elementos dispensados, a bem da disciplina e da tranquilidade do nosso futebol profissional”⁷⁰. O texto citava como exemplo principal o jogador Gabardão, “sempre machucado, jogando quando quer e quando o ‘bicho’ é polpudo”. O suposto autor da carta concluía sua intervenção, aconselhando: “‘Néca’ de Gabardões, Mauros e Noronhas. Dê um pulo até a Varzea. Lá é que estão os verdadeiros elementos de que o América precisa. Jogadores novos, baratos, sem máscara e desejosos de brilhar”⁷¹.

O exemplo do Atlético seria manifestado de forma semelhante: “vitimado pelos fracassos dos medalhões improdutivos que enchem o seu quadro, sem substitutos jovens e capazes, o Atlético lançou-se em busca de valores novos”⁷².

Hoje aí está a nova geração atleticana. É um punhado de jovens entusiasmados, ávidos de conseguirem progresso, ambicionando um ‘lugar ao sol’ no cartaz ou um lugar entre as estrelas no firmamento esportivo de Minas Gerais. Uns vêm da varzea. Disputavam prélios amadoristas nos campos da terra da cidade. Campos inclinados, encascalhados, esburacados [...]. Outros chegaram de longe. De todas as partes do interior gigantesco deste Estado de 8 milhões de almas. Jogavam no Sul, na Mata, no Oeste [...]⁷³.

⁶⁷ PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. Folha Esportiva. 14 de out. 1946, n.3, p.3.

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ O Diário Esportivo tinha uma seção chamada “Cartas imagináveis”. Pelo teor das mesmas supõe-se que eram textos escritos pelos próprios jornalistas, com a finalidade de abordar assuntos corriqueiros no futebol da cidade, mas sinalizando como autores técnicos, jogadores, torcedores, dirigentes, etc.

⁷⁰ CARTAS Imagináveis. Diário Esportivo. 17 de jan.1946, n.25, p.3.

⁷¹ *Idem*.

⁷² A NOVA geração atleticana. Diário Esportivo. 01 de nov. 1945, n.15., p.8.

⁷³ *Idem*.

Por meio das produções textuais apresentadas pode-se perceber um importante distanciamento entre discurso e prática no futebol amador belo-horizontino das décadas de 1930 e 1940. Como já enfatizado no decorrer das reportagens, os princípios formativos do amadorismo já não encontravam ressonância e significação em um contexto muito diverso de seus primeiros anos na cidade, embora a evocação corrente do termo conferisse uma ideia consensual de um significado único e atemporal. O seu “lugar” principal, sua fonte maior de legitimidade não residia mais na prática benfeitora do esporte pelo esporte (embora esta prerrogativa fosse frequentemente mobilizada), mas na possibilidade de fornecer atletas para o profissionalismo, para o “esporte maior”, para o “legítimo futebol”. E nesse contexto, o amadorismo atravessou inúmeros problemas de ordem estrutural e financeira. Simbolicamente, houve uma perda significativa de seu *status* distintivo de outrora, o que contribuiu para a diminuição de sua importância nos periódicos citadinos. Como exemplo, ainda no ano de 1933, pouco tempo após a adoção do profissionalismo, o jornal *Estado de Minas* publicava uma pequena coluna intitulada “jogos de hoje que interessam ao belo-horizontino”. As partidas “interessantes” eram a dos quadros profissionais da capital e de Juiz de Fora, a dos quadros amadores que disputavam o campeonato da A.M.E (um total de sete em quase cem clubes catalogados no período) e os jogos profissionais da rodada paulista e carioca.

Utilizando-se da acepção de campo de Bourdieu (2007), pode-se dizer que o campo esportivo belo-horizontino foi constituído por uma série de subdivisões, cada qual com um grau de poder e de legitimidade na hierarquia social dos esportes e da própria da cidade. Em se tratando do futebol, segregações já eram estabelecidas desde o período em que imperava o amadorismo, quando as equipes que detinham maior capital econômico e social eram as que participavam da divisão principal. Após o advento do

profissionalismo, a segregação se ampliou consideravelmente, demarcando com mais clareza os lugares de cada regime, de acordo com as diferenças de capitais presentes em cada estrutura e com as possibilidades de apropriação do meio esportivo, no que tange aos espaços, à visibilidade e à lucratividade. Esta segregação também demarcou classes e a relação entre estas classes, na medida em que o futebol profissional era claramente capitaneado pelos segmentos mais abastados da sociedade mineira, o que lhe conferia maior poder entre as entidades gestoras do esporte e da esfera pública.

No caso do futebol amador, o “esporte menor”, dificuldades financeiras foram constantemente mencionadas, o que acarretava diferenças significativas de representatividade e de aporte estrutural em relação ao regime profissional. Mesmo considerando a fluidez das relações de classe (THOMPSON, 1987) pode-se avaliar que os partícipes do futebol amador eram, em sua maioria, pessoas simples, cidadãos comuns sem relevante poder aquisitivo e que habitavam as regiões periféricas da cidade, distantes do centro urbano onde aconteciam os torneios de profissionais. Pelos jornais vislumbrava-se o conflito entre essas classes, especialmente promovido pelos adeptos do futebol amador que denunciavam os descasos a que eram submetidos e as diferenças de tratamento em relação ao regime profissional, e buscavam, por meio de protestos, alcançar melhorias para o amadorismo.

Entretanto, paradoxalmente, a significação da figura do esportista amador ainda permanecia como um mecanismo de distinção, como uma qualidade do esportista profissional que procurava manter comportamentos atribuídos aos verdadeiros *sportmen*.

Considerações Finais

O artigo teve como objetivo analisar o lugar ocupado pelo amadorismo no futebol da cidade de Belo Horizonte após a implantação do profissionalismo, nas décadas de 1930 e 1940.

Foi possível perceber que alguns clubes amadores tentaram se profissionalizar ainda em 1933, mas logo foram desencorajados devido às exigências do profissionalismo, que se manteve com os principais clubes do estado. A década de 1940 seria ainda mais reveladora dos problemas enfrentados pelos clubes amadores, relegados a um segundo plano pelas entidades gestoras. Mesmo com a criação do Departamento de Futebol Amador em 1942, as críticas sobre o mal funcionamento da instituição e sobre a falta de apoio aos clubes estampariam inúmeras reportagens dos jornais. Ficaria cada vez mais claro que o horizonte de investimentos estava centrado no profissionalismo.

Em várias ocasiões, os próprios impressos que cobravam soluções para a valorização do amadorismo, retratavam-no como um celeiro de cracks, como manancial para o fornecimento de atletas para o profissionalismo. Essa característica utilitária, que inclusive destacava o valor barato dos jogadores amadores, ia na contramão das tentativas de denunciar o descaso do amadorismo, pois retirava sua importância como uma manifestação autônoma e com valor próprio.

Em suma, pode-se considerar que as décadas de 1930 e 1940 foram difíceis para os clubes amadores em sua reorganização em meio ao futebol profissionalizado. Houve uma perda de valor social, que se traduziu no pouco apoio institucional. A vertente profissional, tão logo foi estabelecida, tornou-se central e os cerca de 200 clubes amadores da capital, espalhadas pelos bairros da cidade, tiveram pouca ou nenhuma visibilidade.

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**. *Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século-Edições, Sociedade Universal, LDA, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CAMPOMAR, Andreas. **Golazo**. De los aztecas a la Copa del Mundo: la historia completa del fútbol en América Latina. Buenos Aires: Deldragón, 2014.
- CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmán**. Uma lenda do futebol do século XX. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n.22, p.10-17, 1994.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- GIULIANOTTI, Richard. **Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Rio de Janeiro: Nova Alexandria, 2010.
- GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol. La dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología**, v. 64, n.45, p.37-66, 2006.
- HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo: da revolução à Grande Guerra**, 2008. p. 393-478.
- LAGE, Marcus Vinícius Costa. **Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais**. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. *In: BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REYNA, Francisco D. **La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)**. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales. Tesis [Doctorado en Historia], Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**, Tese [Doutorado em História], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino. **Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada**. [Doutorado em Estudos do Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIGARELLO, Georges. Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo: as mutações do olhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.445-480 .

WAHL, Alfred. **Historia del Fútbol, del juego al deporte**. Barcelona: Ediciones B.S.A, 1997.

WILSON, Jonathan. **A pirâmide invertida**. A história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FONTES CONSULTADAS

A HISTÓRIA do Cascatinha é cheia de glórias. Diário Esportivo, 20 de set. 1945, n.9, p.9.

A LIGA de Amadores de Futebol e a opinião dos directores dos clubes amadoristas. A Tribuna. 01 de set.1933, n.120.

A NOVA geração atleticana. Diário Esportivo. 01 de nov. 1945, n.15, p.8.

AQUINO, Dilson de Andrade. Misérias do amadorismo. O Amadorista, 02 de set.1946, n.2, p.1.

BELO HORIZONTE, cidade dos clubes juvenis. Diário Esportivo. 18 de abr. 1946, n.38, p.11.

CARTAS Imagináveis. Diário Esportivo. 17 de jan.1946, n.25, p.3.

COM cinco meses apenas, já tem tradições e glórias. Diário Esportivo. 04 de out.1945, n.11, p.11.

COMO foi recebido O Amadorista. O Amadorista. 02 de set. 1946, n.2, p.3.

DO PITANGUI saíram Tião e Gerson. Diário Esportivo, 01 de nov. 1945, n.15 p.11.

DOS SANTOS, Roberto P. dos. Atividades dos clubes e cracks da várzea. Diário Esportivo. 16 de mai. 1946, n.41, p.10.

DOS SANTOS, Roberto P. E o amadorismo foi sempre esquecido... Diário Esportivo, 29 de nov. 1945, n.19, p. 10.

DOS SANTOS, Roberto, P. D.F.A, entidade para milionários. Diário Esportivo, 15 de nov. 1945, n.17, p.10.

E.C MINAS GERAIS. Diário Esportivo. 29 de nov. 1945, n.19, p.10.

EM poucas linhas. Inactividade. A Tribuna. 03 de set. 1933, n.122, p.5.

ESTARÁ perdido o campeonato para o América? Diário Esportivo. 27 de set. 1945, n.10, p.3.

Foi fundada nesta capital a Liga de Amadores de Futebol. A Tribuna. 29 de agost. 1933, n.117, p.5.

IMPORTANTES resoluções... Estado de Minas. 31 de mai. 1933, p.9.

INDUNBANCO F.C Diário Esportivo, 09 de agost. 1945, n.3, p.11.

MAIS um clube de profissionaes. A Tribuna. 20 de agost. 1933, n.110, p.5.

MONTREAL F.C. Diário Esportivo. 06 de dez.1945, n.20, p.10.

NECAXA, orgulho do amadorismo mineiro. O Esporte em marcha, p.8, n.1.

NOSSO aparecimento. O Amadorista, 26 de agost. 1946, n.1, p1.

O DEPARTAMENTO de Futebol Amador da F.M.F... Estado de Minas, 01 de jan.1943, p.13.

O JUVENTUS já faz 14 anos. Diário Esportivo. 13 de dez. 1945, n.21, p.11.

O PARAÍBA é um grande pequeno clube. Diário Esportivo. 20 de dez. 1945, n.22, p.10.

O SÃO Cristóvão é uma legítima expressão do esporte menor. Diário Esportivo. 08 de nov. 1945, n.16, p.4.

O SETE de Setembro está promovendo ... A Tribuna. 25 de agost, n.114, p.5

PEREIRA, Cipião Martins. Onde o ouro se esconde. Folha esportiva, 14 de out. 1946, n.3, p.3.

TERRESTRE, glória do amadorismo belorizontino ... Diário Esportivo, 26 de julho, 1945, n.1, p.10.

UMA vida de 18 anos... Diário Esportivo. 13 de set. 1945, n.8, p.4.

UNIÃO da Vila de Santo André. Diário Esportivo, 06 de set. 1945, n.7, p.3.

Endereço das(os) Autoras(es):

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Endereço Eletrônico: sarahtsouttomayor@hotmail.com

Danilo da Silva Ramos

Endereço Eletrônico: danilopelc@gmail.com

Silvio Ricardo da Silva

Endereço Eletrônico: prof.srs@gmail.com